

## **Informativo Econômico 02/2026**

### **Tensão no Estreito de Taiwan: Reflexos Econômicos para o Agro de Mato Grosso do Sul**

Nos últimos dias, conforme noticiado por veículos como a Reuters; Fortune e S&P Global, ocorreu um novo encontro entre o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o presidente da China, Xi Jinping. A reunião foi marcada por avanços pontuais em pautas comerciais, mas também pela ausência de acordos estratégicos relevantes, especialmente em temas ligados ao comércio agrícola e à geopolítica asiática. Diante disso, o mercado internacional segue atento aos possíveis desdobramentos da relação entre as duas maiores economias do mundo, que possuem forte influência sobre o agronegócio brasileiro.

Um dos principais pontos acompanhados pelo mercado foi a ausência de um acordo mais robusto para ampliação das compras chinesas de soja norte-americana. Apesar de os Estados Unidos permanecerem como um importante fornecedor para a China, a indefinição em relação ao aumento da demanda chinesa pela soja americana trouxe volatilidade para a Bolsa de Chicago, pressionando momentaneamente os preços internacionais da commodity e refletindo também sobre os preços praticados no Brasil.

Ao mesmo tempo, o cenário reforça a posição estratégica do Brasil no abastecimento chinês. Atualmente, a China mantém elevada dependência da soja brasileira, especialmente em períodos de maior competitividade logística e comercial do Brasil frente ao mercado norte-americano. Isso contribui para sustentar a demanda externa pela produção nacional, inclusive para estados exportadores como Mato Grosso do Sul.

Outro tema central do encontro foi a crescente tensão envolvendo Taiwan. O governo chinês voltou a demonstrar insatisfação com o apoio militar dos Estados Unidos à ilha, principalmente após novas sinalizações de fornecimento de armamentos e cooperação estratégica por parte dos norte-americanos. Como resposta, a China

intensificou exercícios militares e operações de pressão ao redor de Taiwan, ampliando o risco geopolítico na região.

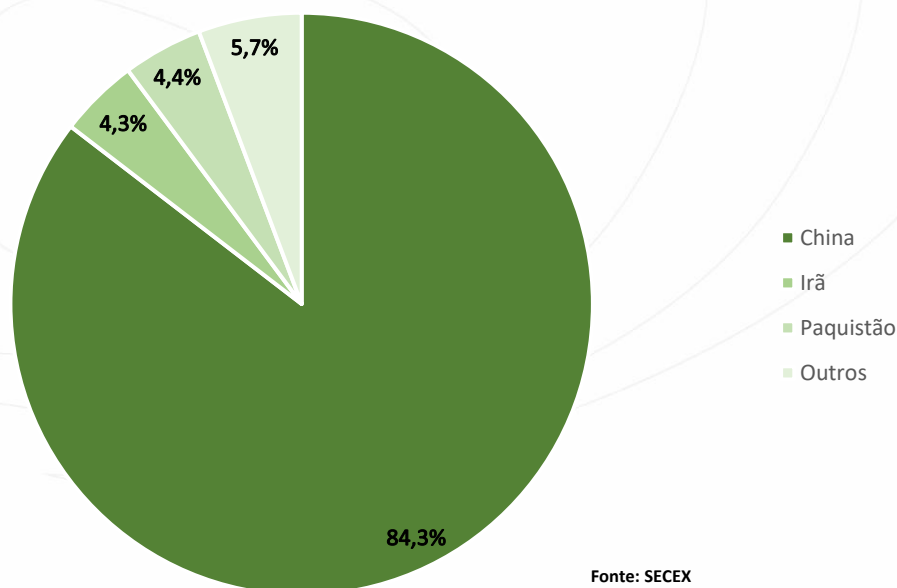
É importante destacar que Taiwan possui relevância estratégica global, especialmente por concentrar grande parte da produção mundial de semicondutores avançados, insumos fundamentais para os setores de tecnologia, indústria automobilística, telecomunicações e equipamentos eletrônicos. Além disso, a região está localizada em uma das rotas marítimas mais importantes do comércio internacional, por onde circula parcela significativa dos fluxos globais de mercadorias e insumos industriais.

Segundo informações recentes divulgadas pela Reuters, autoridades taiwanesas afirmaram que “o verdadeiro risco para a estabilidade da Ásia é a pressão militar constante da China ao redor da ilha”, evidenciando o aumento das tensões no estreito de Taiwan.

## Para o agronegócio do estado

O cenário exige atenção. Atualmente, aproximadamente 84% da soja exportada pelo estado tem a China como principal destino, o que demonstra elevada dependência do mercado chinês.

**Gráfico 1 - Participação dos países de destino nas exportações de soja (%) do estado**



Fonte: SECEX

Ao mesmo tempo, o setor produtivo brasileiro também depende fortemente da importação de fertilizantes e insumos agrícolas, muitos deles ligados ao comércio internacional asiático e ao transporte marítimo global.

**Gráfico 2 - Origem de Importação de fertilizantes**



Fonte: ComexStat

Diante disso, qualquer agravamento das tensões entre China, Taiwan e Estados Unidos pode gerar impactos relevantes sobre os mercados agrícolas e financeiros. Em um primeiro momento, mesmo sem uma invasão efetiva, um eventual bloqueio marítimo parcial ou restrições logísticas na região já seriam suficientes para elevar significativamente a percepção de risco global.

Nesse contexto, os principais efeitos econômicos para o agro brasileiro poderiam incluir:

alta nos preços dos fertilizantes; aumento do frete marítimo internacional; valorização do dólar frente ao real; maior volatilidade nos preços da soja e do milho; aumento dos custos operacionais do produtor rural.

No curto prazo, movimentos de aversão ao risco tendem a fortalecer o dólar, uma vez que investidores buscam ativos considerados mais seguros. Para o produtor brasileiro, isso normalmente gera valorização das commodities em reais, especialmente soja e milho, devido à relação direta entre câmbio e preços de exportação.

Entretanto, essa valorização nem sempre representa ganho efetivo de margem. Isso ocorre porque a elevação do dólar também encarece fertilizantes, defensivos, combustíveis e demais insumos dolarizados. Assim, os produtores mais protegidos seriam aqueles já capitalizados ou com parte relevante dos insumos previamente adquiridos.

No médio prazo, caso haja intensificação da disputa estratégica entre China e Estados Unidos, a tendência pode ser de fortalecimento ainda maior das relações comerciais entre China e Brasil. Isso porque a China busca continuamente reduzir sua

dependência de fornecedores norte-americanos em produtos considerados estratégicos, como soja, milho e proteínas animais.

Esse movimento pode favorecer as exportações brasileiras, especialmente de estados altamente integrados ao mercado chinês, como Mato Grosso do Sul. Contudo, mesmo em um cenário positivo para as exportações, o produtor rural deve permanecer atento à gestão de custos e ao risco financeiro.

Isso porque conflitos geopolíticos prolongados costumam gerar aumento estrutural nos custos logísticos, nos preços de insumos e nas taxas de juros globais. Em situações de menor liquidez ou maior pressão sobre o crédito rural, produtores com margens apertadas ou elevada dependência de financiamento podem enfrentar aumento do endividamento, mesmo em períodos de preços mais elevados das commodities.

Dessa forma, o principal desafio do produtor não será apenas acompanhar a alta ou queda dos preços da soja e do milho, mas sim monitorar sua relação de troca, seu custo de produção e sua capacidade financeira de atravessar períodos de elevada volatilidade internacional.

### **Elaboração**

*Raphael Flores Gimenes – Analista de Economia*  
[economia2@aprosojams.org.br](mailto:economia2@aprosojams.org.br)

*Linneu Borges Filho – Analista de Economia*  
[economia1@aprosojams.org.br](mailto:economia1@aprosojams.org.br)

### **Suporte técnico**

*Gabriel Balta – Coord. técnico*

*Dany Corrêa – Coord. de campo*

*Flávio Aguenta – Assessor técnico*

*Eduardo Amorim – Analista de geoprocessamento*

*Eveline Bezerra – Analista de geoprocessamento*

*Staël Caroline Rego – Analista de geoprocessamento*

*Lucas Almeida – Analista técnico*

### **Equipe de Campo**

Adriana Jara Freitas

Aldinei Ortiz Corrêa

Gabriela Silva Martins

Geizibel Gomes

Romero

Gledson Heron Gimenez

José Alberto Santos

Lilian Ferreira Cioca

Patrícia Vilela da Silva

Wesley Santos Vieira

*Arywander de Andrade*

### **Suporte Administrativo**

Tauan Almeida – Gerente institucional

Teresinha Rohr – Coord. finan. e contábil

Kelson Ventura – Coord. administrativo

Gislaine Alencar – Assistente finan. e contábil

Valéria Henrique – Assistente administrativa

### **Comunicação e Marketing**

Crislaine Oliveira – Coord. de comunicação

Emily Cristine Santos – Assistente de comunicação

Marcos Maluf – Assistente de comunicação

Ana Carolina Azevedo – Estagiária

Carolina Toffanetto – Estagiária

### **Diretoria Executiva**

Diretor Presidente – **Jorge Michelc**

Vice-presidente – **Andre Dobashi**

1º Diretor Administrativo – **Paulo Stefanello**

2º Diretor Administrativo – **Pompilio Silva**

1º Diretor Financeiro – **Fábio Caminha**

2º Diretora Financeira – **Malena May**

### **Diretores Regionais**

Lucio Damália

Geraldo Loeff

Eduardo Introvini

Diogo Peixoto da Luz

### **Conselho Fiscal**

Luciano Muzzi Mendes

Sérgio Luiz Marcon

Thaís Zenatti

Luis Alberto Moraes Novaes

Gervásio Kamitani

Fabio Carvalho Macedo

### **Conselho Consultivo**

Juliano Schmaedecke

Christiano Bortolotto

Maurício Koji Saito

Almir Dalpasquale